



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

RODOLFO MAX VIEIRA DE CASTRO FILHO

**CORDELIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA
COM A LINGUAGEM LITERÁRIA EM SANTA MARIA DE JETIBÁ**

**VITÓRIA
2023**

RODOLFO MAX VIEIRA DE CASTRO FILHO

**CORDELIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA
COM A LINGUAGEM LITERÁRIA EM SANTA MARIA DE JETIBÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo - Campus de Goiabeiras, sob a orientação do Prof^o. Dr. José Américo Cararo.

**VITÓRIA
2023**

Título: “Cordelizando o ensino de Geografia: Uma experiência com a linguagem literária no município de Santa Maria de Jetibá.”

Professor orientador: Prof. Dr. José Américo Cararo.

Estudante: Rodolfo Max Vieira de Castro Filho.

Resumo

O presente trabalho busca relacionar a escrita popular e a importância de uma narrativa própria por meio dos versos do cordel como recurso didático no ensino de Geografia. Utilizando a literatura de cordel, planejar e trabalhar uma aula diferenciada, que preserva as especificidades da cultura dos cordelistas e apresenta diferentes possibilidades de produzir e contar histórias, identificando o período histórico em que uma obra foi escrita, suas relações com a Geografia escolar e a relevância para o contexto regional e para os nossos dias. Como forma de analisar suas possibilidades como recurso, foi realizada uma oficina na EMEIEF Luiz Guilherme Henrique Potratz, do município de Santa Maria de Jetibá - ES. Articulamos a oficina com os conteúdos trabalhados pela professora de Geografia da escola. Neste sentido, buscamos realizar momentos diferentes durante a oficina, articulando as escalas, primeiramente global, após regional e por fim local. Como produto final, houve um processo de escrita discente coletiva, evidenciando narrativas de mundo dos próprios alunos, realizada, segundo os padrões de construção textual do cordel, que retornou à comunidade escolar traduzido em português e pomerano.

Palavras-chave: Geografia escolar. Cordel. Literatura. Globalização. Oficina.

Introdução

Ao analisar o processo histórico de constituição da ciência geográfica, podemos concluir que aquelas/es que possuem o discurso hegemônico, impõem à outra e ao outro sua visão de mundo, ou, melhor dizendo, têm sua própria maneira de geografar o mundo. É o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu caracteriza como o processo de “di-visão”, onde os agentes ou grupos dividem e segmentam o espaço e, feito isso, iniciam a categorização a partir de uma interpretação de realidade própria por meio de uma classificação e visão de mundo, assim, podendo impor essa concepção de mundo social à outra e ao outro (BOURDIEU, 1983).

No que se refere à Geografia, percebemos que as narrativas dominantes se articulam com interesses próprios, nas esferas políticas, socioeconômicas e culturais de cada época. O geógrafo alemão Friedrich Ratzel, por exemplo, frente ao processo de unificação alemã, produz um recorte regional centrado na ideia de expansão do Estado Alemão, onde o ser humano é dependente do solo e ele é seu determinante geográfico. Logo, a regressão de um povo é determinada pela perda do seu território, alegado por ele como sendo “o começo do fim” (RATZEL, 2011, p. 94).

A naturalização dos acontecimentos devido apenas ao solo, as ideologias políticas entram em cena e tomam o rumo das relações de poder, legitimando os processos imperialistas. O que é posto à prova durante a renovação da Geografia numa perspectiva crítica, realizada por outras narrativas e grafias de mundo, onde a forma espacial de organização política é levada em consideração (LACOSTE, 1993).

Assim, no que diz respeito à literatura, precisamos resgatar e valorizar sempre mais a tradição oral, que teve e tem na África, por exemplo, uma significativa presença! Por longos anos se estabeleceram formas de domínio por meio do letramento. Nações com escrita tinham sua trajetória registrada e reafirmada nos livros como modo de herança cultural, logo, povos que não possuíam registro escrito, eram considerados sem cultura, não se levando em consideração a oralidade como uma guardiã do patrimônio cultural da humanidade (KI-ZERBO; JOSEPH, 2010). Portanto:

“Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo” (KI-ZERBO; JOSEPH, 2010, p.168)

A oralidade é o modo ancestral de transmitir a cultura de um povo. Aos povos que não possuem escrita, é na palavra que se ligam, não se limitando apenas na transmissão de lendas, mas indo muito além. É ela que se coloca ao alcance das pessoas, falando com compreensão e se revelando em diferentes facetas, de acordo com cada uma. Ainda que os tradicionalistas-domina, encarregados da tarefa de divulgação oral das ricas tradições africanas, sejam ligados fielmente à verdade, há um grupo que consegue remodelar e enfeitar os fatos com intuito de divertimento ou para atender ao público devido à tradição. São esses os trovadores, contadores de histórias e animadores (KI-ZERBO; JOSEPH, 2010). No caso do Brasil, somos apresentados a uma nova categoria de utilizadores da narrativa e que perdura até aos dias de hoje, no caso do presente artigo, os cordelistas.

O objetivo deste estudo foi verificar a possibilidade do uso da literatura de cordel e suas relações com o tema “Globalização”, envolvendo estudantes do nono ano do ensino fundamental II. Para isso, planejamos e trabalhamos uma oficina pedagógica numa escola da rede municipal de ensino de Santa Maria de Jetibá, interior do estado do Espírito Santo.

No que sabemos, diferentes meios são explorados para a construção de um melhor ensino e aprendizagem, atendendo às diferentes realidades presentes em sala de aula. É o que Ponstuschka (2000) destaca ao compreender que a/o aluna/o é transpassado de diferentes formas em toda sua trajetória escolar, impregnando-se de simbolismos que hora são explícitos e hora são trazidos à tona nas diferentes possibilidades de se trabalhar as temáticas da Geografia escolar.

Buscando experienciar uma dessas possibilidades, procuramos uma articulação com a turma do nono ano, do ensino fundamental II, propondo-nos a realizar uma oficina pedagógica, que pudesse envolver o tema “Globalização” e cordel, onde, como produto final, as/os alunas/os pudessem expressar quem são e onde elas/es se encontram na escala de mundo, para que seus anseios, dúvidas, medos, certezas e sonhos pudessem ser postos para fora, trabalhando esses aspectos subjetivos sem deixar de compreender o conteúdo específico sobre a temática da globalização, proposto pela professora.

O presente artigo estrutura-se em duas partes, além desta introdução e as considerações finais. No primeiro momento elucidamos sobre a metodologia adotada, e após, acerca da concepção da narrativa em diferentes escalas geográficas, adentrando no cordel e utilizando-se de um para ilustrar seus campos de possibilidades para se aplicar dentro de sala de aula. Posteriormente, detalhamos a oficina, a escola escolhida e as características próprias do município de Santa Maria de Jetibá - ES, onde ela se localiza. Também evidenciamos a

realização de uma produção textual própria das/os estudantes de uma turma do nono ano para realização de uma leitura de mundo por meio da escala local.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Henrique Guilherme Potratz, situada na zona rural do município de Santa Maria de Jetibá - ES, que apresenta uma população estimada de 41.588 habitantes em seu território de 735,198 km², segundo o IBGE. Cidade que abriga uma Comunidade Tradicional Pomerana de acordo com o Decreto nº 6.040/2007 (BRASIL, 2007), trazendo até hoje os fortes laços com a terra e o trabalho do campo, com boa parte da população se dedicando à agricultura familiar.

Figura 01: O prédio da escola



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Para a realização deste trabalho, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- Levantamento de interesse por parte da professora da rede municipal de ensino da escola EMEIEF Luiz Guilherme Henrique Potratz para realização de atividades que utilizassem a literatura de cordel. Para isso, foi utilizado o Google Forms para realizar a coleta de dados que traçaram o perfil da professora licenciada em geografia.
- Levantamento de referencial bibliográfico com a temática proposta e análise do Projeto Político Pedagógico da escola escolhida para a realização da oficina.

- Realização da Oficina “Literatura de cordel e Geografia”, com duração de, aproximadamente, duas horas e meia, equivalente a três aulas da segunda-feira, com a turma do nono ano, em colaboração com a professora regente.
- Produção coletiva de um cordel realizada ao final da oficina, incentivando o protagonismo estudantil, que será impresso e retornará à comunidade em forma de material concreto, sendo traduzido para o idioma pomerano pela professora Sandra Goll Ferreira.

Nesta pesquisa foi utilizado o software ArcGIS Map (para geração do mapa) e o aplicativo GPS Essentials (para o georreferenciamento da escola onde foi realizado o trabalho). Também foi desenvolvida uma oficina que dialogou com as/os alunas/os por meio de recursos audiovisuais e material concreto em sala de aula, utilizando diferentes linguagens geográficas para a melhor compreensão discente, recorrendo, igualmente, ao projetor e caixa de som para apresentação; além de fichas de produção em estrofes de sextilha para escrita das/dos alunas/os.

Concluído todo este processo, o material produzido retornou à comunidade em forma de cordel, montado e elaborado no mural da escola, para que toda comunidade escolar participe e conheça a obra realizada pelos próprios estudantes. Além disso, alguns cordéis serão distribuídos para o conselho de pais, na intenção de levar esse conhecimento para além dos muros da escola.

3. Assumindo a narrativa

No que diz respeito ao cordel, precisamos compreender primeiramente o que está além de suas características e estruturas. É necessário dar um passo para trás e entender a importância de uma narrativa que é “do povo e para o povo” (ABREU, 2006, p.). Assim, para compreender o poder da narrativa popular se faz necessário produzir recortes diferentes da homogeneidade histórica, construída e contada pelos ditos vencedores. Logo, precisamos tomar cuidado com o perigo da história única que Adichie (2009), tão bem problematiza, levando em consideração a produção de um espaço onde histórias podem ser contadas e usadas para capacitar e humanizar, além de reparar a dignidade perdida de um povo.

No que diz respeito ao sujeito nas teorias do currículo, observamos, também, que aquele sujeito cingido, em que sempre está a faltar algo, posto às margens do discurso e

consumido em diferentes momentos por ele, é que demonstra o potencial de ação política de quebra de estruturas pragmáticas e produz novos arranjos e meios de se produzir uma narrativa (LOPES; MACEDO, 2013).

Cabe salientar, também, que, no processo de escolha de uma literatura, é imprescindível identificar as possíveis questões subjetivas que se encontram no livro proposto, sabendo que ele é porta para diferentes emoções e construções de leitura de mundo.

Desde as suas origens, a Literatura aparece ligada à função essencial de atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações, e sobre os espíritos, nos quais se decidem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem. No encontro com a Literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (COELHO, 2000, p.29).

Para exemplificar este processo de curadoria de livros, tomaremos duas literaturas como modelo. Num primeiro momento, falaremos sobre o livro “O menino do pijama listrado”¹, tendo sua adaptação cinematográfica muito aceita e trabalhada didaticamente por diversos docentes brasileiros, inclusive de nossa área do conhecimento. A ideia de transposição didática por meio de um filme ou literatura é algo totalmente aceito e de grande importância para utilização de diferentes linguagens no ensino. Porém, a obra em questão, traz sérios problemas em sua escrita, ao analisar os personagens. Bruno, a criança nazista, que domina grande parte da narrativa, é representado como alguém que não tivesse ciência do que seria o nazismo, os campos de concentração e quem seriam os judeus, uma romantização perigosa, visto que, as crianças nazistas eram doutrinadas desde cedo, segundo tais concepções e narrativas. Quando entra em cena Samuel, a criança judia, ele é representado por alguém passivo a tudo que estava acontecendo e não recebe nem metade da importância e relevância no livro. Apesar do final trágico, a obra traz erros históricos e narrativas perigosas.

Quando colocamos em comparação a história em quadrinho “Maus”², conseguimos observar uma narrativa totalmente diferente. Ao contrário de John Boyne, Art é um judeu polonês e escreve baseado em entrevistas realizadas com seu próprio pai, sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz. A história traz momentos reais e preocupações singelas com a importância de preservar os fatos históricos e manter uma narrativa de

¹ Obra ficcional de John Boyne lançada inicialmente em 2006 e adaptada para o cinema dois anos depois, considerado um best-seller internacional.

² Biografia/Autobiografia de Art Spiegelman lançada inicialmente em duas partes, a primeira em 1986 e a segunda em 1991.

resistência e que se preocupa em representar um indivíduo, um povo, uma comunidade da maneira como realmente são. Neste sentido, é fundamental que a/o professora/or de Geografia busque sempre ampliar o repertório teórico em diferentes assuntos e realizar uma análise crítica e profunda ao que tem sido levado para a comunidade escolar.

Figura 02 e 03: Curadoria dos livros



Fonte: Amazon, 2023.

Podemos transpor a análise acima para o Brasil, também, acentuando duas narrativas, literárias. Na obra “Quarto de despejo”³, Carolina de Jesus, nos relata múltiplas e dramáticas vivências socioespaciais. No que se refere aos nossos povos originários, Ailton Krenak⁴ problematiza, em um dos seus livros, as relações que nossa sociedade tem estabelecido com a natureza.

³ “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. São Paulo: Ática; 10ª edição. 2021

⁴ “Ideias para adiar o fim do mundo”. São Paulo: Companhia das Letras; 2ª edição. 2021.

Figura 04 e 05: Curadoria dos livros



Fonte: Amazon, 2023.

Adotamos aqui a perspectiva de que o espaço geográfico é “a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade (MASSEY, 2008, p. 28). Portanto, defendemos uma Geografia escolar que incorpore em seus conteúdos as narrativas produzidas por diferentes grupos sociais, incluídos aqui, os nordestinos e sua literatura de cordel.

O ensino de Geografia deve levar a/o aluna/o a conhecer e valorizar a pluralidade patrimonial sociocultural do Brasil, compreendendo outros povos e nações, não reforçando estereótipos, mas se posicionando contra qualquer discriminação em diferentes níveis, sejam eles culturais, sociais, de crença, raça, gênero e qualquer outra singularidade. E espera-se que a/o aluna/o conheça e compreenda o mundo atual a partir de diferentes perspectivas, por sua diversidade, instrumentalizando-se dos conceitos fundamentais da geografia como o espaço, o lugar, o território, a região e a paisagem.

Que também possa compreender a importância e os significados das diferentes linguagens, uma delas, a literatura, abrindo-lhe outras possibilidades de leitura de mundo onde

possa descobrir como determinada pessoa, família ou grupo social se refaz de diferentes maneiras frente a situações do cotidiano próprio de cada indivíduo e ao processo histórico.

Apropriando-se, deste modo, de um repertório de experiências/vivências mais sensatas e justas, que contribuirão para a sua formação mais humanizada, conhecendo e respeitando outras realidades socioespaciais, não advindo apenas dos clássicos, mas também daquelas literaturas populares (ABREU,2006). Dito isso, nos aprofundaremos de fato na literatura de cordel e como trabalhá-la em sala de aula em diferentes contextos.

4. Histórico do Cordel Brasileiro

A publicação dos cordéis tem seu início no final do século XIX na Paraíba, onde homens pobres arrendaram maquinários de antigas impressoras de jornais e juntos com os familiares começaram a produzir seus próprios folhetos. O tamanho do cordel era realizado de maneira a aproveitar o máximo da folha, não sobrando espaços para o desperdício de papel. A renda dessas famílias era proveniente da comercialização desses folhetos em feiras, mercados e festividades. Desde então, abordam temas os mais variados possíveis, como o mundo dos bichos, histórias de espertezas e malandragens, viagens fantásticas, temáticas sociais e humorísticas, adaptações e recriações e situações absurdas.

Uma criativa articulação desta forma de literatura ocorreu com a linguagem musical. Assim, “violeiros cantam e recitam seus poemas. Folhetos escritos para serem lidos ou recitados receberam melodia. E em qualquer das situações revelam-nos sua beleza” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 83). São de grande valor artístico e relevância geográfica, criações como “A triste partida”, com melodia de Luiz Gonzaga e letra do grande cordelista Patativa do Assaré. Cantores e compositores, como Chico César, Fagner, Elba Ramalho, a dupla Caju e Castanha, mestres das emboladas.

No auge do sucesso, alguns títulos chegaram a vender aproximadamente cinquenta mil exemplares para mais. Por ser um produto barato em questões monetárias, era comum pessoas analfabetas comprarem alguns títulos e procurar alguém que pudesse ler. Ainda que o cordel seja proveniente dos portugueses que aqui chegaram, e sua maneira típica de se comercializar em corda, no Brasil ele ganha suas próprias especificidades culturais (ABREU, 2006).

Características regionais são transpassadas em diferentes momentos na produção de um poema e até mesmo sua montagem era realizada de maneira diferente, onde, o número de páginas poderia variar de acordo com o tema proposto. Por exemplo, era comum que questões

cotidianas fossem retratadas em folhetos de oito páginas, já os casos dos apaixonados e as histórias de bravura eram destinados à maior quantidade de páginas, no caso, dezesseis ou mais (ABREU, 2006).

O contato com o público se torna um detalhe importante e que demandava certa preocupação por parte dos cordelistas, pois precisavam estar em contato direto, todos os dias, com o seu público e convencê-los a gastar um pouco de suas economias em seus folhetos. Esse contato direto fazia com que ele conhecesse a visão de mundo daquele a quem escreve, ora trazendo expressamente sua opinião, sob a forma de uma expressão literária (ABREU, 2006).

Assim, façamos um exercício para que possamos compreender melhor esse aspecto, por meio do famoso cordel “O cavalo que defecava dinheiro” de Leandro Gomes de Barros, que se encontra no acervo público da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Num trecho, ele destaca:

Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado.

Se vendo o compadre pobre
Naquela vida privada
Foi trabalhar nos engenhos
Longe da sua morada
Na volta trouxe um cavalo
Que não servia pra nada.
(ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CORDEL,
2022)

No trecho acima, diferentes apontamentos podem ser levados em consideração; ainda que o título e todo o enredo seja uma comédia, o autor traz elementos essenciais para compreensão da época, por exemplo a evidente vida miserável daqueles que faziam parte do campesinato, destacado no texto como um morador pobre, vivendo de alugado na terra precária de outro, Como acentua Martins (1981, p. 17), “o nosso camponês não é um enraizado. Ao contrário, o camponês brasileiro é desenraizado, é migrante, e itinerante”, ou seja, os latifúndios são criados e demarcados, mas a quem deveria o pertencer, são forçados apenas à sobrevivência por meio de sua força de trabalho, o que foi diferente dos camponeses provenientes da Europa, expressivamente brancos, que, via de regra, receberam suas porções de terra, encontrando mais facilitadores para que sua permanência fosse bem sucedida no Sul e Sudeste, ao contrário do Nordeste.

Continuando além da expropriação da terra, outro elemento importante surge na narrativa popular, o engenho, presente durante muito tempo no ciclo da cana de açúcar. Todos esses aspectos são necessários para realizar uma transposição didática, que contextualiza e informa o aluno ao modo reger da época, as especificidades e características regionais, trazendo paralelos de meios de produção para os tempos atuais de globalização.

5. A escola

A escola selecionada para a realização da oficina que conecta cordel e geografia foi a EMEIEF Luiz Guilherme Henrique Potratz (**MAPA 01**), que faz parte das escolas da rede municipal de ensino do município de Santa Maria de Jetibá - ES. Localizada na zona rural, caracteriza-se como uma escola do campo. Para conhecê-la melhor realizamos a leitura do Projeto Político Pedagógico – PPP, de 2015. Nele foi possível conhecer a história da escola, tendo como marco inicial a educação formal dos pomeranos da comunidade, em 1941, no modelo de Grupo Escolar, em apenas uma sala de aula que funcionava em uma pequena casa cedida pelo Sr. Guilherme Emílio Júlio Potratz, um dos primeiros moradores da região.

Figura 06: O entorno da escola.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Por causa da demanda crescente, foi necessário aumentar a escola e, foi, no terreno cedido pelo Sr. Guilherme e, em mutirão da comunidade com a prefeitura, que foi construída a escola denominada, então, como “Escola Singular Rio Possmoser”. O novo prédio foi

aumentando para duas salas, dois banheiros, fogão a lenha e tanque; atendendo de maneira multisseriada no turno da manhã. Devido a grande distância percorrida pelas professoras, era na casa dos Potratz que elas ficavam hospedadas, às vezes, por meses. No ano de 1982 foi criada a primeira turma de Educação Infantil (pré escola) em espaço improvisado e só em 1984 a escola passou a se chamar “Escola Pluridocente Rio Possmoser”.

Figura 07: Pátio da escola.

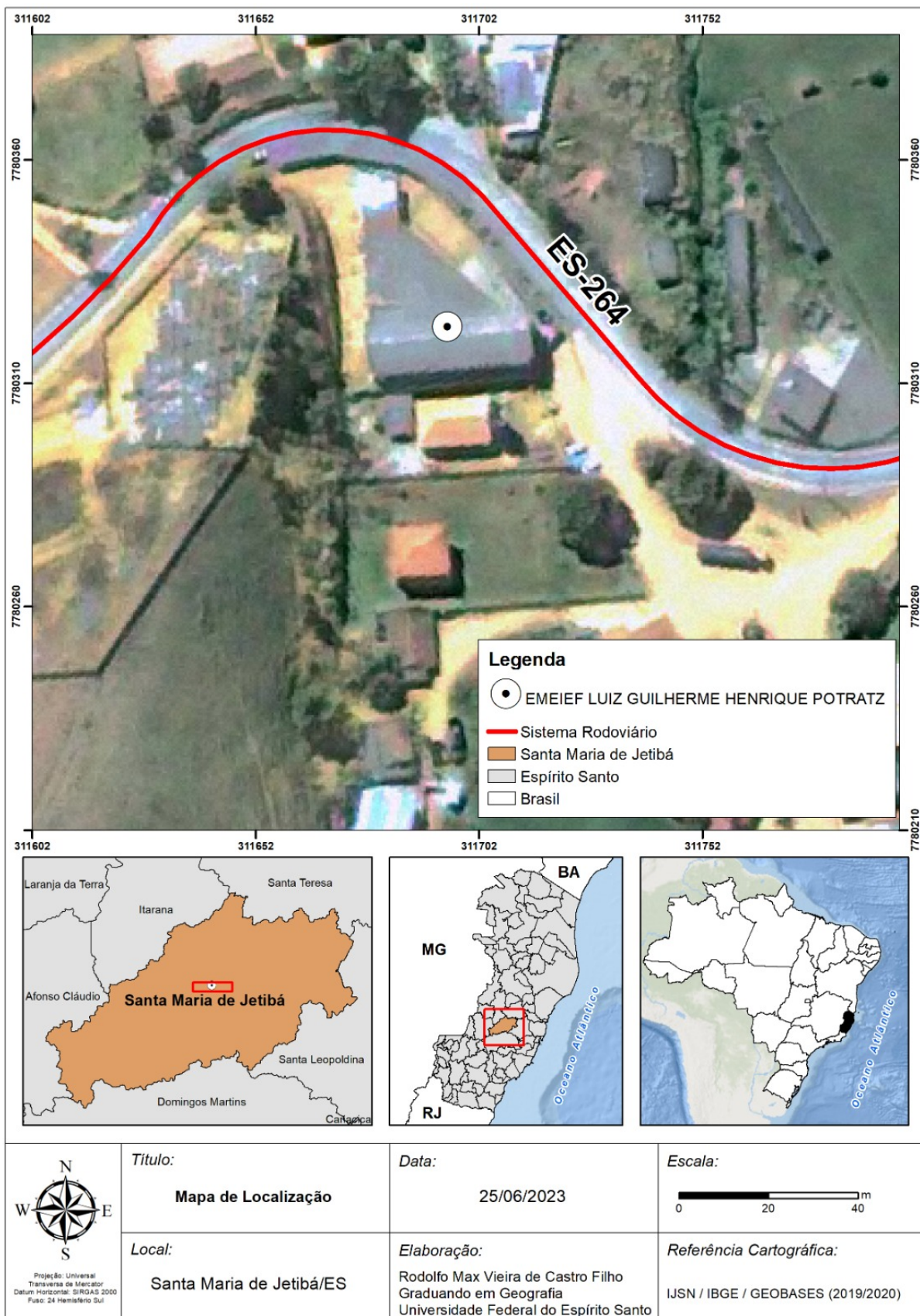


Fonte: Acervo pessoal do autor.

Foi no dia 29 de julho de 2008, com a inauguração do novo prédio que a escola passou a ter o seu nome atual, EMEIEF “Luiz Guilherme Henrique Potratz” em homenagem ao proprietário da fazenda onde ela foi construída para atender a comunidade. Adota como currículo a relação dialética prática-teoria visando o desenvolvimento de habilidades necessárias para a formação de uma consciência crítica dos alunos, podendo interferir na realidade de maneira participativa, respeitando os saberes e experiências que cada aluno já traz de sua casa.

Destaca-se, também, o que é salientado com relação a pensar e rever o currículo que inclua a temática do contexto das migrações, a imigração pomerana e as migrações internas, algo que encontramos bem presente na produção final da oficina realizada por meio deste trabalho, que será abordado posteriormente.

Mapa 01: Localização da escola



Fonte: Elaborado pelo autor.

Num primeiro momento, realizamos a aplicação de um questionário, de modelo Google Forms, com a professora licenciada em geografia Raquel Leandro, com o objetivo de conhecer o perfil da escola e traçar planos de ação para realização da oficina, baseando-se na realidade da escola e nos recursos disponíveis da mesma.

Analisando a proposta curricular do município, que está de acordo a Base Nacional Comum Curricular, já no primeiro momento se destaca a unidade temática do nono ano, “O sujeito e seu lugar no mundo” (BNCC. 2018, p.392), característica essa que potencializa o estudo das narrativas e envolver o aluno como sujeito participante e colaborador no processo de aprendizagem. Na competência das habilidades relacionadas ao eixo temático prevista na BNCC (BRASIL, 2018), destacamos, para orientar a oficina, o seguinte descritor:

(EF09GE03) Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças. (p.393)

Identificamos, neste objetivo, algumas possibilidades, traçando, a partir dele, diferentes procedimentos para conseguirmos realizar a revisão do conteúdo e incentivar leituras particulares pelas/os estudantes. Agora, não apenas identificando as diferentes narrativas globais, mas, também, incentivando e valorizando as narrativas discentes produzidas na oficina. Não querendo falar do outro em sua cosmovisão, mas expor suas respectivas singularidades e concepções de si mesmo.

No quadro abaixo, dirigido à professora da turma, foram relacionados diferentes recursos didáticos com intuito de compreender quais são os mais utilizados, os que raramente aparecem em sala de aula e os que ainda não foram explorados no ambiente escolar, como fica demonstrado na tabela abaixo:

Recursos Didáticos			
	Sempre utilizo	Utilizei algumas vezes	Nunca utilizei
Charges		X	
Debates		X	
Desenhos	X		
Filmes e Documentários		X	
Fotos aéreas		X	

Globo Terrestre		X	
Histórias em quadrinhos	X		
Jogos		X	
Literatura de Cordel			X
Mapas Conceituais	X		
Maquetes		X	
Músicas		X	
Teatro			X

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Assim, por meio do levantamento e de conversas com a professora, houve a compreensão e a aprovação de que poderia ser desenvolvida uma oficina que utilizasse um tripé de plano de ação. No primeiro momento, realizar a revisão dos conteúdos sobre a globalização que foram estudados durante o primeiro trimestre letivo por parte das/os alunas/os. Em seguida, realizar um recorte regional para compreender a literatura de cordel e suas especificidades e, então, finalizar na escala local do sujeito, onde cada um poderia desenvolver sua própria narrativa, baseando-se na sua perspectiva de mundo.

6. A oficina

A oficina teve como título “Oficina de literatura de cordel e geografia” Baseamo-nos ao revisarmos junto com as/os alunas/os o tema globalização, em algumas análises de Milton Santos⁵, onde puderam compreender esse complexo e dinâmico fenômeno como fábula, tendo como recorte a ideia do sonho americano e análise de comerciais da época. Também foi visto sobre a globalização perversa, trazendo agora a crise de vinte e nove ou a grande depressão como também a participação que alguns países desempenham nas guerras por interesses próprios que vão bem distante do seu discurso próprio de democracia. Por fim, uma “outra globalização”, possível a partir da compreensão das possibilidades que nos permeiam e a projeção de uma nova história ou narrativa (SANTOS, 2003).

⁵ “Por uma outra globalização”. Editora Record. 30 mar 2000.

Figura 08: Realização da oficina



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Iniciando a oficina, apresentamos uma notícia de jornal, intitulada “Americanos fabricam os seus tênis em toda parte”, na qual, com as/os alunas/os, debatemos a dinâmica de lucro do capital por meio da exploração de matéria prima, mão de obra barata e precarização de leis trabalhistas em países subdesenvolvidos e emergentes, realizada por grandes empresas transnacionais. Ao analisar uma marca de roupa famosa, conseguimos levantar certo nível de aproximação para compreender a lógica global que estamos inseridos, onde, por meio da etiqueta de uma jaqueta, por exemplo, foi possível se pensar toda a cadeia de produção e de interesses por parte das grandes empresas.

Figura 09: Realização da oficina



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Em seguida, caminhamos para aspectos relacionados à região Nordeste, a construção de uma narrativa popular, a importância de se manter uma narrativa própria e não deixar que o outro assuma o seu lugar de fala. Recorremos aos dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, trazendo a institucionalização da literatura de cordel como Patrimônio Cultural Brasileiro no dia dezenove de setembro de 2018 (IPHAN, 2018).

Abordamos, também, as diferentes faces do cordel, sua influência buscando fazer articulações à escala local. Com relação à escrita do cordel, foi demonstrado como há características próprias e nem um pouco simples ou espontâneas para se construir um cordel. Evidenciamos, igualmente, que a maioria dos cordéis são estruturados sob a forma de sextilha, ou seja, seis estrofes, onde, os versos pares (o segundo, quarto e sexto) rimam entre si e com versos setissílabos (ABREU, 2006).

Tudo isso foi estudado e compreendido em fase prática realizando leituras de diferentes cordéis que se encontram disponíveis de maneira digitalizada nos sites da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e da Fundação Casa de Rui Barbosa.

7. Produção final

O momento final da oficina foi para que as/os próprias/os alunas/os pudessem se expressar por meio do cordel. A nossa questão proposta para elas/es foi: “Qual a nossa narrativa para o mundo?” onde estariam livres para escrever sobre suas aspirações, medos, anseios, como também para dar voz aos seus cotidianos vividos naquele lugar. Para isso, as/os estudantes presentes escolheram suas duplas e, após, foi disponibilizada uma estrutura de sextilha com sete versos silábicos, disponível *online* pelo professor Fagner Araújo⁶. No primeiro momento as/os alunas/os tiveram muita dificuldade em escrever algo totalmente diferente do que é habitual, respeitando as regras de escrita e definir sobre o que escrever para que o outro os conheçam e aprendam mais por meio do cordel, destacando a importância e a relevância de uma escrita popular que a muito se distancia do dito “fácil e comum”.

Em sua maioria, os cordéis tomaram uma narrativa regional que é culturalmente proposta desde a educação infantil e perpassa toda a vivência escolar até o fim do fundamental II no município de Santa Maria de Jetibá. Devido à preocupação e o cuidado para que se preserve a língua e cultura pomerana, houve o incentivo à criação do PROEPO

⁶ Professor de língua portuguesa e cordelista, disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=PxasQHMB-Dw>>

(Programa de Educação Escolar Pomerana) que é o programa político pedagógico adotado no município. Seus versos trouxeram aspectos ligados ao campo, à roça, à realização pessoal ser proveniente do trabalho, à preservação da língua pomerana e seu ensino aos mais novos.

Logo, podemos pensar uma maneira de continuar a preservar suas tradições sem que o sujeito seja colocado à parte de sua formação, garantindo seu direito de aprender, pois, neste caso, ainda que a/o aluna/o não tenha mais nenhum interesse ao cordel após a oficina, arriscamos a possibilidade de que ele tenha uma vivência escolar mais plural, além do seu desenvolvimento pleno como cidadão e sujeito central de sua própria narrativa.

Finalizada a oficina, chegou o momento de receber cada estrofe produzida e organizá-la de uma maneira que possibilitasse uma conexão entre tudo que foi escrito, passando por um processo de curadoria própria. Além disso em colaboração com Sandra Goll Ferreira, professora de pomerano da rede municipal, participante do PROEPO, foi realizada a tradução dos versos escritos em português para que, assim, fosse anexado no trabalho final dos alunos, mantendo a perspectiva de preservação da língua materna, fazendo com que a obra coletiva possa ser apresentada a comunidade de maneira mais receptiva e culturalmente respeitada. O cordel ganhou como título “O mundo do lado de cá” e conta com doze versos escritos pelos alunos, tanto em português quanto na língua pomerana, conforme podemos ler após as figuras.

Figura 10: Alunas/os produzindo os cordéis



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Figura 11: Produção dos cordéis

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

A terra do lado de cá

Pessoal desse Brasil
Escute o que vou falar
O cordel do nono ano
Você vai se encantar
Contando a história
Narrativas para amar.

Quando crianças somos
Adultos queremos ser
Quando adultos somos
Crianças queremos ser
Tudo é ilusão
E no final iremos morrer

O mundo é comum
Comum de histórias
Cada dia vivido
Faz muitas memórias
Livros e Capítulos
Vidas em vitórias

Meu leitor, minha gente
Tenho que lhe informar
O meu mundo na roça
No sol quente de rachar
Cultivando verduras
Da manhã até o luar

Dai är an dëse kant

Brasiliånisch lüür
Höört wat ik säge dau
Dit sriwt wat fon dat nuind jår is
Däit dij sër gefale
Bijm geschicht fortelen
Wat foirsäge taum lijbe.

Wen wij kiner sin
Wile wij groot sin
Wen wij groot sin
Wile wij kiner sin
Ales is ilusion
Un taulätst blijwe wij dood

Dai wild is ainfach
Ainfach mit geschichte
Jëre dag wat beleewt wart
Mökt feel gedanke
Buike un kapitels
Leewent in dat gewinen

Mij leeser, mijn lüür
Ik mut juuch wat säge
Mijn wild upm land
In dai hait sün
Woo ik gruinweesend plante dau
Fon morgens bet dai måneschijn

Acorde cedo e vai
 Vai atrás de seus sonhos
 Em casa não se chega
 Nos seus objetivos
 É no campo que cheguei
 A meios produtivos

O povo pomerano
 Que tem uma cultura
 Que é maravilhosa
 E com sua bravura
 Ele prospera e vive
 Com sua agricultura

O povo pomerano
 Começou outra vida
 Parece que foi fácil
 Todas as despedidas
 Chegar aqui não foi mole
 Foi uma luta sofrida

O nosso município
 É cheio de cultura
 Aprender pomerano
 É uma boa aventura
 Ensinar as crianças
 Essa grande feitura

Uma língua falada
 Com algumas tradições
 Da família herdada
 Guardada em corações
 O povo pomerano
 Tem diversas produções

Uma cultura bonita
 Cheia de tradição
 Te mostro nesse cordel
 E guardo no coração
 O povo inspirado
 Em viver nesse mundão

Nessa comunidade
 Vive um povo feliz
 Em comunhão festejamos
 Os pomeranos raiz
 Sempre nos orgulhamos
 Do que a história diz

Ståe tijg up un gån
 Gån dijn drööm nå
 Nahuus kåme wij ni
 In dijn objektive
 Upm land bün ik henkåme
 Mank dat schafen.

Dat pomerisch folk
 Håt ain kultur
 Wat sër gaud is
 Un mit sijm muud
 Dåt dai beeter ware un leewe
 Mit sijn landwirtschaft

Dat pomerisch folk
 Håt air anerd leewent anfåge
 Dat håt licht uutsaie
 Dai gans afschijde
 Hijr henkåme is ni licht wåst
 Is air swår strijt wåst

Oos municip
 Is ful mit kultur
 Pomerisch lère
 Is air gaur aventua
 Dai kiner lère
 Is air groot wirken

Ain språk wat reert wart
 Mit wek moor
 Wat fon dai familg årb is
 Un upwårt is in oos härts
 Dat pomerisch folk
 Håt feel schaft

Ain hübsch kultur
 Mit feel moor
 Ik wijs dij in dës sriwt
 Un dau in mij härts wåre
 Dat folk wat belücht is
 Taum leewen in dës groot wild

In dës gemaind
 Leewt air fröölig folk
 Mit gewöönligkët daue wij fijre
 Dai richtig pomer lüür
 Ümer sin wij stols
 Fon dat wat dai geschicht sägt

Santa Maria de Jetibá
 Terra de muito saber
 E com grandes valores
 Temos muito a aprender
 Danças, culinárias,
 Costumes, vem conhecer!

Santa Maria de Jetibá
 Is land mit feel waiten
 Un mit feel wërd
 Häwe wij sër feel taum lëren
 Dansen, eeten
 Moor, kâm taum dat kene!

Considerações finais

Ao analisar os diferentes contextos que perpassam o ambiente escolar, em particular na EMEIEF “Luiz Guilherme Henrique Potratz” foi possível observar que a revisão do currículo para se trabalhar o contexto das migrações, como descrito no Projeto Político Pedagógico, se faz muito presente e transparece no momento de escrita dos cordéis, onde as/os alunas/os demonstraram certa dificuldade para falarem de si mesmos, mas uma desenvoltura maior em escrever sobre a cultura pomerana. Destacando-se, a importância de sua preservação, mas nos ajudando também a repensar em como podemos trabalhar questões subjetivas através da narrativa pessoal, não deixando de preservar a cultura local.

O cordel foi bem aceito pelas/os alunas/os e desafiou cada um a conhecer algo novo, demonstrando interesse e uma realização pessoal em conseguirem concluir a tarefa. Os conteúdos relacionados à oficina foram bem trabalhados anteriormente graças à excelente atuação da professora Raquel Leandro, que tornou o momento de realização da oficina ainda mais exitoso.

O movimento das escalas geográficas foi compreendido, tendo em vista a globalização como escala mundial, o cordel no contexto regional e nacional e a escrita conseguindo analisar e compreender a escala local. Por meio do incentivo de produção de uma narrativa própria, buscamos incentivar o protagonismo discente em suas respectivas histórias de vida, não deixando para outro narrá-las. Tudo isso costurado por meio dos fios da Geografia, sendo ela a ciência possível para compreender as realidades socioespaciais em que estamos inseridos, nas diferentes escalas ou níveis geográficos.

O cordel se mostra como uma produção de grande riqueza e relevância no contexto escolar, não somente na disciplina de Língua Portuguesa, podendo ser trabalhado de maneira multidisciplinar. É por meio de uma narrativa do povo que, também, podemos conhecer diferentes contextos e visões de mundo, demonstrando que não é simplória, mas de diferentes camadas, na escrita, na expressão da conjuntura social e um patrimônio imaterial cultural que necessita ser conhecido e valorizado por todas e todos.

Referências bibliográficas

ABREU, M. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

ADICHIE, Chimamanda: **o perigo de uma única história**. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/c?language=pt-BR>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BARROS, Leandro. **O cavalo que defecava dinheiro**. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/o-cavalo-que-defecava-dinheiro/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre: **A identidade e a representação**: elementos para um reflexão crítica sobre a idéia de região. In. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. p. 107-132.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007b**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 01 jun. 2023.

COELHO, Nelly Moraes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. São Paulo. Moderna, 2000.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I**: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

IBGE. Panorama - Santa Maria de Jetibá. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/santa-maria-de-jetiba/panorama>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

IPHAN. **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em 03 jun. 2023.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1993.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**, 1a edição, São Paulo: Cortez, 2013.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981, p.17.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia, representações sociais e escola pública**. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.145-154, 2000.

RATZEL, F. **O Solo, a Sociedade e o Estado**. Revista do Departamento de Geografia, v. 2, p. 93-101, 8 nov. 2011.

S.PAULO, Folha. **Americanos fabricam os seus tênis em toda parte**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/02/mundo/4.html>>. Acesso em 03 jun. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.